A DIDÁTICA DESTINADA AOS NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO: DEVIDOS CONTORNOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PROGRAMA ESCOLA ZÉ PEÃO

FONSECA, Heleny Nunes Cosmo da¹

RIBEIRO, Marcelo Dias²

RODRIGUES, Ana Paula Alves³

SILVA, Siméia Fernandes da⁴

Centro de Educação/Programa Escola Zé Peão/PROEXT

Resumo: Dentro das experiências educativas do programa de extensão Escola Zé Peão, apresentaremos dentro de uma proposta popular, as devidas transposições didáticas como meio de salientar as práticas de acordo com os presentes níveis de escolarização dos educandos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Tomando como base as diretrizes do referido programa, relatos de educadores, que ainda em sua graduação, objetivamos um diálogo a esse saber e o acadêmico, ao qual desencadeia nas atividades pedagógicas, ainda assim revelar a necessidade de contornar cotidianamente a linguagem oral, escrita e atividades subsequentes para desenvolvimento das especificidades dos educandos, tanto nas práticas educativas em salas de aulas em distintos canteiros de obras ou alojamentos. Tomaremos teoricamente a concepção de Educação Popular pautada por Guiso (1991) e Vasconcelos (2004), trilhando com a modificação necessária na relação ensino-aprendizagem potencialmente significativa com a transposição didática de acordo com Chevillard (2005). Por fim apoiaremos nas ideias de Freire (1987; 1997; 2003), no que se refere a autonomia do educando ao formalizar esse saber á sua prática cotidiana. Diante a todas as diversidades presentes nas referidas salas de aula, em espaço educativo não formal, concluímos que as adaptações são necessárias para que no desenvolvimento da prática os educandos sejam contemplados com atividades coerentes de acordo com seus níveis de escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE: educação de jovens e adultos, metodologia, níveis de escolarização.

1. INTRODUÇÃO

Bem entendemos as expectativas e necessidades dos educandos, onde ao retorno ou ingresso nos estudos na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, devem atender essa gama de especificidades necessárias, com o conteúdo a ser trabalhado não poderia ser diferente. Contudo para os processos de alfabetização, ao qual vivenciamos na extensão, a modificação do conhecimento didático e do adquirido na formação acadêmica deve ser pleiteada.

Neste presente trabalho salientamos as práticas educativas, de forma comparativa em três experiências de educadores (as) no referido programa de extensão para apresentar métodos eficazes e necessários que problematizado em cima dos níveis de escolaridade dos nossos educandos desencadeiam em um desvio na apresentação de conteúdos e atividades subsequentes.

Relataremos experiências ocorridas em sala de aula que foram relevantes e podemos constatar com as veracidades dos casos que se faz necessário a conexão da atividade pedagógica com o cotidiano do educando, para que seja despertado o interesse nos estudos e que tenha significado para suas vidas. Com os relatos dos educandos, o educador precisa considerar que estes têm condições de registrar o que falam, ocorrendo de maneira satisfatória o aprendizado, conforme nos diz Jaqueline Moll:

Contudo, ressignificar esta bagagem não pode equivaler as exigências em termos de produção escrita e leitura: adultos plenos de possibilidades podem sistematizar saberes que vão sendo trazidos a cena escolar e reconceitualizá-los através do registro, da reorganização e de novas disposições. (2004, p.14)

Quando a autora nos diz, “construção de novas disposições”, dar-nos a entender que está a nos mostrar que do conhecimento que os educandos traz a sala de aula se é sistematizado abre caminhos para novas aprendizagens, e desta maneira podemos perceber a construção do conhecimento, interligando a prática com a teoria. Em sala de aula podemos perceber a veracidade dos fatos, pois ao trabalharmos assunto relacionado diretamente com o cotidiano deles, observamos que o aprendizado flui com muita facilidade e satisfação. Com atividades desta maneira não estamos educando pessoas para o futuro, mas sim despertando suas curiosidades para suas vidas de cidadãos no presente, como nos diz Brandão:

A educação de vocação cidadã é uma experiência humana de diálogo entre pessoas, cuja razão fundadora é ser e fazer-se praticar como um sumo bem em si mesmo. De alguma maneira, quero ousar sugerir, que a “função” da educação não é instruir, capacitar ou educar pessoas “para”, mas manter em si – ou seja, em seu seja, em seu próprio círculo de criações – pessoas devotadas a experiências de construir saberes e compartilhar aprendizagens (2002, p. 78).

Salientamos que o educador de jovens e adultos precisa ser aberto ao diálogo e usar a sensibilidade ao ouvir os comentários de seus alunos, interligando esses comentários com o fazer pedagógico para que haja o bom êxito no aprendizado. Também é necessário ter “consciência”, “convicção” e “compreensão” como nos diz Moll. Os educadores precisam ser conscientes que seus alunos trazem a esperança em aprender para melhor se integrar socialmente. Assim fraseando com Freire como fundamental o papel do professor, o qual, segundo Freire (1996, p.52), deve saber que “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”. E para alcançar este propósito, faz-se necessário uma instrumentalização teórica e metodológica do educador para poder desenvolver as potencialidades do aluno nas diferentes áreas de formação.

2. DESENVOLVIMENTO

O processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido em conjunto pelo educando e educador exige empatia, pois por parte do educador para conhecer as necessidades do educando; e do educando para confiar com que esse outro tenha a contribuir com sua formação. A transposição didática mencionada neste trabalho remete-nos a uma adaptação de conteúdos de acordo com cada nível escolar, seguido de uma metodologia, pois todo e qualquer assunto a ser ensinado faz uso de uma didática; didática esta que é fundamental para este ensino. O Programa Escola Zé Peão apresenta a nós educadores populares uma metodologia que contempla desde o conhecimento do educando a necessidade da apresentação dos conteúdos científicos que devem ser ensinados. Pois, segundo Chevillard apud Almeida (2007) a transposição didática é composta por três partes, se forma distinta e interligada. O Saber do sábio (elaborado pelos cientistas) saber a ensinar (parte específica dos professores que está relacionado à didática e a prática de condução de aula), o saber ensinado (aquele que foi absorvido pelo aluno). É mais ou menos nesta concepção de transposição que ocorre a sistematização da prática desenvolvida pela Escola Zé Peão.

Na experiência utilizam-se os ensinamentos e as reflexões de Paulo Freire, onde é pensado como algo que está diretamente ligado às experiências vivenciais cotidianas dos sujeitos da escola estando esta, portanto, definitivamente associada às suas concepções sobre a vida e suas tomadas de decisão. Nesta perspectiva, a função social exercida pela escola, passa a ser combustível para a sua autoconsciência, para a sua releitura do mundo e para a leitura e escrita da palavra.

3. METODOLOGIA

Com trajeto metodológico recorreremos a exemplificar as práticas pedagógicas, de forma comparativa de acordo com Gil (1999) entre as experiências de sala de aula, assim salientamos através da investigação entre as vivências enquanto educadores, nos apoiando em concepções Freireanas e resultando em um quadro de semelhança a forma de que como formalizamos as propostas pedagógicas com um viés de preocupação didática de acordo com os níveis de escolarização presentes em nossas salas de aula.

Fundamentando-se nestes pressupostos teóricos é que realizamos nossa pesquisa, para possíveis contribuições com a prática educativa relacionada ao projeto em tela, bem como projetos de mesma natureza, voltado para os processos educativos de jovens e adultos.

4. RESULTADOS

Damos início a nossa prática pedagógica no momento de planejamento. Esta é uma ação mais correta a se pensar e a se fazer (Almeida, 2007). Pois é por meio dela que tomamos conhecimento do elemento temático a ser ensinado e mais do que isso, é neste momento que fazemos as reflexões do quê e para quê ensinar determinado conteúdo a um educando. De que modo devemos fazer isto, ou de que conteúdo se faz necessário para que ele aprenda. Seguindo a diante elaboramos nossas rotinas pensando em nossos educandos. A prática deste planejamento ocorre num espaço não-escolar,

mas que tem por função oferecer aprendizagem escolar aos que não tiveram oportunidades ou por motivos desistiram da escola. A apresentação de uma temática é muito importante, pois a partir dela o aluno já pode despertar uma curiosidade pelo que vem a frente. Sempre fazemos uso de uma dinâmica, de um jogo, de música, etc. de algum recurso que se relacione ao que se for trabalhar. Este mesmo recurso vai sendo trabalhado de acordo com o conhecimento que o educando já sabe. O educador vai fazendo a mediação desta apresentação, com a contribuição do educando na intenção de alcançar o objetivo da aula. É neste momento de apresentação de um tema que tomamos conhecimento de muitas histórias dos educandos sobre tal. São relatados por eles histórias de vida, ou lembranças de quando frequentaram a escola, mas sempre trazem algum conhecimento sobre um tema. Em seguida apresentamos para eles o conceito científico que vem a acrescentar na sua aprendizagem. Conhecendo a realidade de cada educando e de suas dificuldades com os códigos linguísticos e matemáticos, fazemos uso de atividades diferentes, mas que contemple o mesmo conteúdo e proposta de ensino. Aos educandos de níveis avançados classificados como TST (tijolo sobre tijolo), encaminhamos textos para leitura á nível de conhecimento e em seguida interpretação fazendo uso de algum conteúdo gramatical. Para os de níveis escolares mais básicos APL (alfabetização de primeira laje) ou trabalhamos pequenos textos para identificação de palavras ou de acordo com a temática que está sendo trabalhada, elegemos uma letra para trabalhar a família silábica da mesma e a partir daí desenvolver a escrita e leitura deste educando. As questões matemáticas são sempre elaboradas a partir da contribuição do educando, com informações onde fazemos uso de nomes de cidades, distâncias, tempo, entre outros.

A transposição do conteúdo é feita de acordo com o nível como já mencionado, fazemos pequenas alterações no número a ser utilizado ou na quantidade de questão, mas todos educandos trabalham a mesma situação. Pois é fatídico que estes educando têm um enorme conhecimento em cálculo mental, apresentam dificuldades só no uso de algoritmos. Este é um desafio que nós educadores propomos para estes alunos descrever esse raciocínio mental em um papel, para tornar uma aprendizagem concretizada de acordo com o que a sociedade exige. No fim de cada etapa de atividades concluídas fazemos a socialização e correção seja de forma individual ou coletiva.

Esta é apenas uma das metodologias mais usual no decorrer de nossas práticas educativas. Existem outras como: leitura coletiva, trabalhos em grupo, jogos, etc. a fim de desenvolver a linguagem oral e escrita e raciocínio lógico-matemático do educando de modo que se apropriem de conhecimentos que lhe serão úteis para atuar com mais destreza na sociedade.

5. CONCLUSÃO

Dentre as experiências dos educadores, nas referidas salas de aula, concluímos que as adaptações são necessárias para que no desenvolvimento da prática os educandos sejam contemplados com atividades coerentes de acordo com seus níveis de escolaridade. A metodologia ao qual seguimos do programa traz a realidade dos educandos como motriz para os devidos desenvolvimentos, assim reconhecendo cada educando como sujeito de único, destinar uma didática de acordo com seu nível de escolarização se torna fundamental e vendo como ponto positivo, resultando em aprendizagens mesmo em suas distinções, com significância. Portanto o programa

Escola Zé Peão consolida uma aprendizagem de via dupla, de formação e informação a graduandos de licenciaturas, á uma pratica em educação popular que contempla e desenvolve, trazendo os processos educativos com uma didática peculiar. Proporcionando um contorno no que se refere ao atendimento e desenvolvimento nesta etapa do processo de alfabetização e pós- alfabetização.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Transposição didática: por onde começar**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3ª edição, ARS Poética Editora Ltda,1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação da pessoa cidadã. In: _____. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 51- 121.

CHEVALLARD, Yves. (2005). **La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUIZO, Alfredo. **Práctica Social Popular Referente y Contenido de La Educacion Popular**. Contexto e Educação. Universidade de Ijuí, ano 6, nº 23, Jul/Set, 1991.

IRELAND, Timothy Denis et al. **Prêmio educação para a qualidade do trabalho: Projeto Escola Zé Peão**. João Pessoa: [s.d.], 1998. Fotocopiado.

MOLL, Jaqueline. Alfabetização de Adultos: desafios à razão e ao encantamento. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004. P. 9-17.